

A Chave da Riqueza

12 JUL 1992

Educação é a chave para a riqueza. Essa é a conclusão que se tira dos impressionantes números da ONU sobre o crescimento populacional e a migração em 92. Nos próximos sete anos, a população da Terra passará dos atuais 5,57 bilhões para 6,25 bilhões de pessoas. Os países em desenvolvimento responderão por 95% desse crescimento; há 40 anos, respondiam por 77% do aumento populacional.

Na Europa e na América do Norte a população com menos de 15 anos fica próxima a 17%. Na África, esse contingente se aproxima dos 40%, chegando a 25% na América Latina e a 21% na Ásia. O Terceiro Mundo precisa, portanto, gerar empregos para absorver essa mão-de-obra.

O alto crescimento demográfico nos países pobres detona a migração, que envolveu 100 milhões de pessoas em 92. Quando a região natal não absorve, a mão-de-obra migra para as cidades próximas. Um país sem oportunidades empurra a migração para o vizinho ou regiões mais promissoras, mas, sem qualificação, a mão-de-obra estrangeira vale pouco.

A associação entre desenvolvimento e declínio na taxa demográfica é comprovada: as projeções para o ano 2000 em relação a cidades como Tóquio, Nova Iorque, Los Angeles, Buenos Aires e Seul indicam que o aumento populacional cai sensivelmente onde a renda cresce. Em compensação, a Cidade do México, São Paulo, Xangai, Calcutá, Bombaim, Pequim e Jacarta (Indonésia),

todas no Terceiro Mundo, exercerão maior atração sobre os migrantes internos até o ano 2000.

A disparidade salarial entre o Primeiro e o Terceiro Mundo facilita entender a atração exercida pelos mercados dos Estados Unidos e da Europa. A reação dos países europeus aos migrantes do Leste e do Terceiro Mundo antecipa o quadro de restrições generalizadas que deverá dominar o mundo na virada do ano 2000.

O padrão salarial (medido pelo salário mínimo) da Europa e dos Estados Unidos dez vezes superior ao do Terceiro Mundo não se deve apenas ao excesso de mão-de-obra no Terceiro Mundo. Decorre, sobretudo, do melhor nível educacional de europeus e americanos do norte em relação a africanos, asiáticos e latino-americanos, para os quais as disparidades educacionais também interferem na renda interna.

Ao lado do combate à fome e à miséria, o fato reforça a prioridade dos programas educacionais no Brasil. Na América Latina, o estudo aponta outro dado preocupante, num quadro de recessão e queda da oferta de empregos: o número de velhos com mais de 65 anos dobrará dos 5% em 1990, para 10%, em 2025. A experiência desastrosa dos sistemas de seguridade social da Europa — que não agüentaram o desequilíbrio atuarial pelo aumento do número de aposentados — recomenda, desde já, redobrada atenção na reforma do falido sistema de Previdência Social.

JORNAL DO BRASIL